

06-03-2024

GUELIM**Ricardo Fernandes Gonçalves**

[Doutor em Geografia. Prof. Univ. Est. Goiás. Pesquisador do Grupo PoEMAS - Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade]

Guelim nasceu nas mãos de uma parteira. Como ele nasceram também seus nove irmãos. Foram crianças que vieram ao mundo à sombra de ranchos e casas simples do sertão mineiro. O primeiro choro de recém-nascido preencheu seu pulmão com uma rufada de ar impregnada pela fumaça de uma lamparina ao lado da cama. O pranto anunciou a presença da criança no lugarejo. Costume entre os sertanejos, foguetes foram soltos e terços entoados para abençoar a chegada do menino. Parentes, amigos e vizinhos festejaram seu nascimento ao toque do clarão da lua no terreiro. O garoto começou a crescer devagar. O nome Miguel transformou-se em apenas Guelim. Possuía olhos negros arregalados de alegria, estatura miúda e jeito traquino desde guri.

Sua mãe Braza o observava saltitante no quintal. As manguieiras e abacateiros sombreavam as brincadeiras do miúdo. À medida que crescia, suas peraltices se estenderam no espaço da rua e nos campos de terra batida onde tornou-se conhecido por sua habilidade com a bola de futebol. Guelim também era exímio observador de aves, sabia admirá-las dançarinas entre galhos e folhas. Tinha preferência pelos gorjeios dos bem-te-vis e os [regorjeados das seriemas](#); pelas cores dos sabiás e pelos mistérios da alma-de-gato. Reunido com os irmãos passava manhãs e tardes percorrendo os chapadões de Cerrado catando frutos de gabioba, araticum, e mangaba. Quando deparavam com a [alma-de-gato](#) corriam imiscuídos entre as árvores à procura dos ninhos desse pássaro. Acreditavam nas histórias encantadas que povoavam a imaginação popular no sertão. Diziam que no ninho desse passarinho existiam ovos de ouro. Achá-los faria deles meninos ricos. Guelim era filho de mãe e pai camponeses. Ele pertencia a uma geração de agregados e meeiros. Nas terras dos latifúndios existia um mundaréu desses trabalhadores arranchados e analfabetos. Enredado nesse mundo, o menino Miguel aprendeu mais sobre as lidas do trabalho do que a existência de escolas e das palavras escritas em livros. A escola da comunidade localizava-se em uma casa improvisada onde bácoros soltos perambulavam e grunhiam entre a meninada. Frequentou a escola e nela aprendeu a escrever o nome e a fazer cálculos práticos que passou a aplicar na lida nas roças, na soma dos dias de serviços e na repartição das colheitas. Nos anos 1950, quando Guelim e os irmãos nasceram, o analfabetismo deixava mais da metade da população brasileira ao largo da leitura e da escrita. Ademais, isso existia em um período no qual mais de 60% da população vivia no campo. Analfabetismo e exploração se aliavam em um mundo rural desigual e injusto. Por isso, manter os trabalhadores sem-terra e sem livros servia para salvaguardar o poder dos coronéis, manter a concentração fundiária e a violência política, garantir o acesso aos cartórios e aos registros de propriedades rurais por poucos espertalhões. Diante do universo de mulheres e homens do interior de Minas, Miguel cresceu sem ler ou ouvir as interpretações acerca da origem e significado de seu nome.

Teria sido surpreendente saber que o nome que ganhou de seus pais tem origem hebraica, vem de *Mikhael*, cuja junção de *mikhayáh* e *El* resulta em “quem é como Deus”. Desconheceu que Miguel foi o prenome do escritor espanhol que inaugurou o romance moderno com o clássico livro

Don Quijote de la Mancha, publicado em 1605. A leitura teria mostrado a ele que Guimarães Rosa criou personagens com o nome de seu irmão no aumentativo e o seu no diminutivo, Manuelzão e Miguilim. O mundo sem livros só não fazia parte do cotidiano do padre que celebrava as missas na antiga igreja da comunidade. O padre de batinas largas, devido à sua estatura exagerada, falava latim, cantarolava hinos com palavras desconhecidas e lia as epístolas de Paulo que falavam de amor. O povo admirava o sacerdote corpulento que era hospedado nas casas de fazendeiros e narrava para eles os temas das confissões dos roceiros. Nas celebrações bamboleava sua imensidão para incendiar a fé do povo, proibir as manifestações de congadas e maldizer as credences do catolicismo de roça. As festas de folia de reis, as fogueiras de São João, os batismos de fogueiras, as congadas, as rezadas de terço nas casas de adobe e pau-a-pique de vizinhos, as benzeções e simpatias povoavam a existência cotidiana de Guelim. Na sua família havia uma linhagem de benzedoras e sua mãe era uma delas. Braza recebia multidões de pessoas que pediam orações contra quebranto, mau-olhado, dor de cabeça, vento-virado e cobreiro. Esse continente de crenças e sabedorias populares preencheu toda a vida de Guelim. Ajudou-o a lidar com a morte do pai muito jovem e da mãe muitos anos depois, quando não o reconhecia mais devido à deterioração da memória. Nos ermos de terras do sertão mineiro, essa criança sertaneja cresceu entre a gente determinada a trabalhar como meeira e agregada. Todos ouviam e acreditavam nas palavras do sacerdote de que a pobreza na terra seria recompensada pela riqueza no céu. O menino descobriu que o trabalho braçal começava cedo. Madrugava com o carcarejar dos bichos no terreiro, misturava-se entre os homens descalços enfileirados, pegava o trilheiro em direção aos arrozais em tempos de colheitas. Nos longos meses chuvosos, entre outubro e janeiro, carpia roças com os irmãos e passava dias dormindo em ranchos distantes de casa. O trabalho de colheita de arroz, feijão, milho e café; de capina de roças e quintais fez parte de toda a vida de Guelim. Nas beiras de córregos da comunidade, chegou a revirar cascalhos diamantíferos junto ao pai e aos tios garimpeiros. Mas, não teve sorte no garimpo e abandonou essa faina medonha e anódina. Comprou uma carroça e, por muitos anos, fez carregamentos de lenha, móveis, esterco para hortas, sacos de milho e café de um lado a outro da comunidade. O tropel do cavalo arrastando a carroça nas ruas do distrito anunciava a peleja na luta diária pela sobrevivência. Os episódios da vida de Guelim sintetizam o enredo da existência das pessoas simples do sertão. A sucessão de acontecimentos que hasteou os anos da vida desse trabalhador de Minas desfila na minha lembrança desde quando fui seu vizinho e ouvia as histórias que ele e os irmãos me contavam. Dizem que quando nasceu, os pássaros que voavam entre as árvores do quintal cantaram toda uma semana.

A linguagem dos sons das aves comemorava sua chegada ao mundo. Por sua vez, ao fim da vida, contam que Guelim foi acolhido pelas mãos solidárias de suas irmãs. No dia em que deixou o mundo, uma bátega derramou na comunidade e os pássaros fizeram silêncio em despedida ao homem singelo que admirava suas revoadas bailarinas no céu.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.

A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.